



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**CLUBES NEGROS NO PARANÁ E SUAS RESPECTIVAS POLÍTICAS DE  
PRESERVAÇÃO, VISIBILIDADE E PATRIMONIALIZAÇÃO**

Merylin Ricieli dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Na proposta de apresentar os clubes negros paranaenses, seus diferentes processos de fundação, bem como a situação e o funcionamento de tais clubes na contemporaneidade, o atual trabalho parte do pressuposto de que há inúmeras estratégias associadas aos feitos da preservação, e uma das mais utilizadas é a patrimonialização, que por vezes se constitui enquanto realidade ambígua para os gestores dos bens tombados, mas que ao mesmo tempo demarca uma necessidade de salvaguarda e valorização destes patrimônios, o que na ótica do tempo presente evidencia a importância das lutas identitárias imbricadas neste processo. Dito isso, este trabalho tem como objetivo compreender quais clubes negros paranaenses foram sujeitos de políticas de patrimonialização local e como isso está associado à visibilidade das culturas que neles se consolidaram e a garantia de direitos de memória para seus frequentadores ou participantes. As problematizações se darão com base na análise de duas fontes, ambas organizadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A primeira refere-se ao questionário de mapeamento dos clubes negros do estado e a segunda trata-se de um folheto de divulgação de uma exposição acerca dos mesmos, datada de 2019, que conta com breve histórico das instituições, imagens e principais características. A metodologia aqui utilizada é de natureza qualitativa (MINAYO, 2001; BAUER, GASKELL, 2002), pautando-se também em uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2002).

**Palavras-chave:** Clubes negros, patrimonialização, Paraná.

### **CLUBES NEGROS NO PARANÁ**

A narrativa embranquecida e pré-dominante que ronda o Estado do Paraná, assim como os outros dois Estados da região Sul do Brasil, pende para a perpetuação de discursos excludentes acerca das populações negras e indígenas que também os compõem, e a negação ou diminuição da participação desses sujeitos na construção dos respectivos Estados promove não só a invisibilização destes enquanto agentes, mas também de suas culturas. O fato de reconhecer que há uma presença majoritariamente branca nessa região não significa que tal presença seja exclusiva ou de maior importância, conforme é reproduzido pela narrativa local e retratado na historiografia hegemônica.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Bolsista FAPESC, merylinricisantos@gmail.com.



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Além de situar a participação negra e indígena como um movimento de suma importância para a construção da região Sul do país, pode-se destacar os patrimônios materiais e imateriais que esses indivíduos construíram, garantindo as gerações futuras uma série de heranças, costumes e lugares de memórias que servem de guia para manter legados e preservar identidades que os constituem.

Em um recorte bastante restrito, pensado na realidade paranaense, esse texto tem como proposta apresentar brevemente as seis entidades negras fundadas no pré e pós-abolição da escravidão no Estado do Paraná. Na sequência busca-se problematizar seus históricos de fundação e suas respectivas políticas de patrimonialização e/ou salvaguarda, a fim de identificar qual é a situação desses patrimônios materiais no tempo Presente.

Seguindo uma ordem de apresentação cronológica, o Estado conta com as seguintes instituições: Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio, localizada na cidade de Curitiba e fundada em 1888; Clube Literário e Recreativo Treze de Maio, criado no município de Ponta Grossa e datado de 1889; Clube Rio Branco, fundado no ano de 1913 na cidade de Guarapuava; Clube Recreativo dos Campos Gerais, com sua fundação em 1921 na cidade de Castro; Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã, fundado no ano de 1934 em Tibagi; Associação da Recreação Operária de Londrina, também conhecida como AROL e criada no ano de 1957.

Após analisar um questionário de mapeamento dos Clubes Sociais Negros do Paraná, bem como o folder de divulgação de uma exposição realizada em 2019, ambas as fontes de autoria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), observou-se que as entidades mapeadas possuem algumas características semelhantes capazes de promover um diálogo entre elas, que vai além da dificuldade de constituir-se enquanto sociedade ou resposta aos preconceitos e manifestações racistas que levaram a suas fundações, mas perpassa pelas especificidades partilhadas que serão apresentadas a seguir.

## **DESENHOS EM COMUM**

As seis entidades fundadas por negros e para a população negra, contam com pontos em comum. O primeiro a ser elencado refere-se a suas definições como Territórios Negro, classificação que denota a relação entre raça e pertencimento com o espaço e as práticas socioculturais nele desenvolvidas, o que de forma direta impacta nos processos de construção



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



e valorização de identidades pretas e pardas. Nesta ótica, “Os territórios negros são os espaços onde se preservaram as práticas culturais de matriz africana e onde se construíram identidades negras positivas” (SILVA; ZUBARAN, 2012, p. 136).

Tais lugares são espaços de sociabilidade onde a negritude foi/é vivenciada, podendo ainda ser compreendidos como lugares de memória, uma vez que “Recentemente, crescem as demandas dos novos atores sociais para a construção de seus próprios lugares de memória” (SILVA; ZUBARAN, 2012, p. 136), nessa esteira e refletindo sobre memória, patrimônio cultural e identidades negras, as autoras pontuam que tais espaços na perspectiva dos territórios negros “[...] marcam os lugares de memórias negras, desde os diversos espaços de trabalho do negro nas cidades aos espaços destinados às suas manifestações culturais, que incluem, além das práticas culturais cotidianas, as práticas de resistência negra à escravidão e ao racismo” (SILVA; ZUBARAN, 2012, p. 136).

Sobre os lugares de memória, em sua conceituação mais difundida Pierre Nora explana que podem ser entendidos como “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de outra era, das ilusões de eternidade” (1993, p.13). São lugares onde um grupo, povo ou comunidade revive suas lembranças e recordações em um movimento que conecta presente e passado numa mesma temporalidade e a memória é a mediadora desse processo que se articula em torno do não-esquecimento. Neste sentido,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco a necessidade de construí-los. (NORA, 1993, p. 13).

Considerando a fluidez da memória, pode-se dizer que tais lugares desencadeiam diferentes processos de rememoração, grande parte deles são previamente articulados e foram criados a fim de se fazerem lembrados, com o objetivo de preservar o que até então estava ameaçado de esquecimento ou apagamento. Outra característica desses lugares refere-se ao modo como são vistos pelos indivíduos que os elegem, não só como agentes ativadores de



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



memórias dos acontecimentos e eventos passados, individuais ou coletivos, mas os percebem também como Pontos de Referência. Sobre estes, “Maurice Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos” (POLLAK, 1989, p. 3), sendo aqui compreendidos como elementos edificantes para a construção das memórias, ou seja,

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mas ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Considerando a memória como um elemento capaz de conectar presente e passado, entende-se que os clubes negros aqui apresentados, bem como suas respectivas histórias, podem ser problematizados no campo da História do Tempo Presente, uma vez que são espaços que reexistem, se transformam e vivenciam diferentes temporalidades em suas dinâmicas. A História do Tempo Presente “[...] é por natureza uma história inacabada, uma história em constante movimento” (cf BÉDARIDA, 1996, p. 229), uma história em processo, em curso, em andamento e em detrimento dos vivos.

Marcada por uma menor ambição temporal e geralmente centrada em experiências mais restritas, tal campo historiográfico pode ser descrito como “Uma História engajada em seu tempo, uma História dos vivos e para os vivos, que se recuse a ser a soma de Histórias nacionais e menos ainda um apêndice de grandes cronologias consolidadas, concebendo novas maneiras de fazer e escrever (...)” (CAMPOS; LOHN, 2017, p. 101). É um fazer histórico preocupado em reconhecer as transformações e mudanças que acompanham o curso do tempo, identificando o modo em que os sujeitos, comunidades ou objetos de estudos se estabelecem e se relacionam com as temporalidades em que estão inseridos ou dialogando.

Partindo desse viés interpretativo e levando em conta que os clubes negros aqui evidenciados são entidades marcadas por interdições, negações e subjetividades passadas que reverberam-se no tempo presente, as quais provavelmente serão ponto de embate para as lutas antirracistas no futuro, entende-se que o exercício de perceber tais territórios negros como organizações que são geracionais e constantemente ressignificadas, traz à tona o caráter atemporal destas no que tange a intencionalidade de criação de cada uma delas.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Além de demarcar as transformações que constituem esses patrimônios, classificá-los como territórios negros, pensá-los no veio da História do Tempo Presente, observou-se que suas criações foram mais comuns no Pós-Abolição e que há uma presença predominantemente masculina em suas idealizações, bem como um vínculo com o samba. Outras características semelhantes entre eles refere-se a presença feminina na organização dos grêmios e eventos direcionados para mulheres e a atomização e fragmentação de fontes e documentos sobre os clubes.

## SITUANDO HISTORICAMENTE OS CLUBES

Com base na ordem de apresentação das entidades dispostas no folder de divulgação da exposição sobre clubes negros no Paraná, e que segue a data de criação de cada patrimônio negro elencado, a primeira instituição fundada no Estado foi a Sociedade Operária Beneficente 13 de maio e de acordo com o panfleto e o questionário de mapeamento do IPHAN, foi fundada 03/05/1888. Porém, pesquisas bibliográficas fazem referência a uma outra data, 06/06/1888, que registrada na ata de fundação.

Segundo Santiago (2015), o clube já teve três denominações antes da atual: Clube 13 de Maio de 1888; Sociedade Beneficente 13 de Maio; Clube 13 de Maio. Fundada por escravos e negros libertos, “Tratava-se de uma sociedade fundada por e para os trabalhadores e trabalhadoras afrodescendentes preocupados em ressignificar a presença negra na cidade a partir das experiências e expectativas de seus próprios membros” (FABRIS, 2017, p. 13). Assim como outros clubes negros brasileiros, a Sociedade Beneficente 13 de Maio dispunha de uma Escola e contava com o Grêmio Recreativo Treze de Maio, um segmento da instituição que estava sob responsabilidade das mulheres.

De acordo com as fontes mencionadas, o clube, na atualidade, encontra-se em funcionamento, faz parte de um roteiro turístico criado na cidade de Curitiba por intermédio do Projeto Linha Preta, o qual de acordo com a Fundação Cultural da cidade “[...] foi concebido durante o II Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul- COPENE SUL, organizado pelo NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná” (CURITIBA, p. 1, 2016), e tem como proposta evidenciar a presença e participação negra no município.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**Imagem 1- Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio (Curitiba - 1888)**



Fonte: Gazeta do Povo (S/d)

A sede deste clube não foi patrimonializada, entretanto o território negro faz parte do levantamento e mapeamento dos Clubes Negros no Paraná, realizado pelo IPHAN em 2014. Foi também objeto de estudos em uma série de pesquisas que resultaram em livros e trabalhos de conclusão de cursos.

Com uma denominação semelhante ao clube negro de Curitiba, a cidade de Ponta Grossa conta com o Clube Literário e Recreativo Treze de Maio. Patrimonializado em 2001 o clube possui duas datas de fundação, uma disposta no questionário de mapeamento dos clubes negros paranaenses e no panfleto da exposição realizada em Curitiba pelo IPHAN, registrando sua fundação no ano de 1889, e outra data posta no Processo de Tombamento da entidade, registrando o ano de 1890 como período de fundação da instituição.

Esta instituição foi fundada devido às restrições da população negra local em frequentar outros espaços de sociabilidade, e de acordo com a historiadora Isolde Maria Waldemann (2001), o clube foi fundado em treze de maio de 1890 por um grupo de jovens liderados por Lúcio Alves da Silva, Luiz Marias Bento, Casseiro Cardoso de Menezes, Vidal Branco e José Borges. De acordo com a autora

Esses jovens reuniam-se clandestinamente no casarão do Sr. Ezequiel Barbosa de Almeida, mas, se descobertos eram denunciados pelos brancos que temiam uma rebelião, justamente no momento em que o país passava por mudanças políticas, sociais e econômicas, com desemprego em massa dos trabalhadores rurais, principalmente da população negra, recém libertada do regime de escravidão. (WALDEMANN, 2001, p. 7-8).



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



O clube carregava o adjetivo literário em sua descrição, pois além de dispor de uma biblioteca em seu interior, detinha uma preocupação com o processo de inserção da prática de leituras entre seus associados. A biblioteca ficou ativa até o ano de 1935. No ano de 1936 a entidade passa a ter sua sede definitiva e construída em alvenaria. Antes disso o clube passou por outros quatro locais diferentes até fixar-se em seu atual endereço.

Embora tenha sido fundado como um clube negro, recebia pessoas de outras raças e etnias. Quanto à participação feminina neste território negro, foi mais notável após a criação do Grêmio Saudades da Primavera, organização interna do clube que incumbia mulheres em promover concursos de beleza, cafés e bailes temáticos. As integrantes do Grêmio também eram responsáveis pela fiscalização do salão, controle de entrada e em manter a ordem no estabelecimento, a fim de não permitir que determinadas condutas, consideradas inadequadas para a sociedade tradicional, fossem naturalizadas durante os eventos.

## **Imagem 2 - Clube Literário e Recreativo Treze de Maio (Ponta Grossa - 1889)**



Fonte: PMPG (Década de 90)

Conforme já mencionado, a sede desta entidade foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Município no ano de 2001 e faz parte do mapeamento dos Clubes Sociais Negros do Paraná realizado pelo IPHAN. Hoje encontra-se em funcionamento, mas ultimamente seus eventos são raramente voltados à valorização de identidades e culturas negras, visto que aos finais de semana a sede é alugada para a realização de bailes para idosos.

As fundações dos clubes negros em cenário nacional brasileiro ocorreram em diferentes períodos, e embora muitas dessas organizações já estivessem se mobilizando antes da abolição da escravatura, foi após a assinatura da lei Áurea que tais entidades se



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



proliferaram ou foram instituídas regularmente. Foi o caso do clube negro de Guarapuava, segundo as fontes produzidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fundado em 28/09/1913, porém, uma segunda data, 1919, também é associada ao feito. Sobre isso, Fernandes (2015) pontua que a idealização dessa entidade ocorreu em 1919 e está diretamente ligada ao trabalho das lavadeiras que após organizarem uma sociedade feminina, criaram o Grêmio das Violetas, que deu origem ao Clube Rio Branco, que Segundo o autor “[...] é um espaço de memória familiar de várias famílias de negros guarapuavanos, descendentes, ou não, de negros escravizados em Guarapuava.” (FERNANDES, 2015, p. 1).

O discurso de Fernandes diverge das informações registradas no questionário do IPHAN, no que se refere à fundação da entidade em 1913. Contudo, suas afirmações dialogam com o documento quando a fonte apresenta trechos da entrevista de Jozuel de Freitas, na época com setenta e sete anos, neto de uma das fundadoras do território negro tratado, recordou o seguinte:

Minha Avó Maria do Locádio Belém, foi escrava, era lavadeira de roupa no lajado, festejava São Benedito e Nossa Senhora dos Prazeres. Então ela começou a pensar, vou fundar um Grêmio e com estas lavagens a gente tira um dinheiro e faz uma caixinha, chamava “Grêmio das Violetas”. O Prefeito da época cedeu terreno para meu pai Bento José da Silva, com aquele dinheiro deu pra construir a sede de madeira. (FREITAS *apud* IPHAN, 2014, entrevista).

Além de situar os envolvidos na criação do clube, o enunciado traz detalhes sobre a aquisição do terreno onde o prédio da instituição fora construído. O território negro edificado por meio da ajuda financeira originária do trabalho das lavadeiras, teve sua primeira sede em madeira no mesmo endereço atual e durante o levantamento do IPHAN feito em 2014, estava desativado. De acordo com um dos consultores do IPHAN “O Clube Rio Branco, em Guarapuava, não se destaca apenas pelos objetos de sua história, mas também pela preservação de seus documentos” (DOBERSTEIN *apud* GUARAPUAVA, 2014, p.1). Informação bastante significativa considerando a dispersão documental de grande parte dos clubes sociais aqui elencados.





# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**Imagem 3 - Clube Rio Branco (Guarapuava – 1913)**



Fonte: Rede social da entidade (2020).

Embora o Clube Rio Branco esteja desativado, não está inativo, e foi inserido no levantamento do IPHAN acerca do mapeamento dos clubes negros no Estado, ação que leva a cidade de Guarapuava a entrar no circuito do patrimônio imaterial no IPHAN em 26/09/2014.

O próximo território negro paranaense e presente nas fontes analisadas localiza-se na cidade de Castro. Denominado de Clube Recreativo dos Campos Gerais, tal entidade foi fundada em 07/09/1921, porém, o questionário do IPHAN traz também a data de 1917, sendo 1921 o registro de fundação em ata.

O processo de criação dessa entidade se assemelha às instituições já mencionadas aqui, no sentido de ser uma resposta da população preta e parda para a exclusão que vivenciavam na sociedade brasileira no pós-abolição. Nesse sentido, de acordo com Ismael Abrão da Silva, a entidade foi criada “Por motivos de cor, segundo minha mãe contava aqui era uma comunidade de negros, o bairro da costa. Tem a Capela Nossa Senhora do Carmo aqui, eram os remanescentes dos escravos que moravam aqui. Era um lugar onde os negros tivessem uma sociedade” (SILVA *apud* IPHAN, 2014, p. 3).

O entrevistado verbalizou aos consultores do IPHAN que a instituição tinha um Grêmio feminino e contava com atividades de apoio mútuo e “Tinha os remédios, as garrafadas que os pretos e as pretas velhas faziam e o pessoal vinha pegar” (SILVA *apud* IPHAN, 2014, p. 3).

De todos os clubes negros paranaenses catalogados pelo IPHAN, esse talvez seja o que menos foi objeto de pesquisas e estudos, o que pode ser reflexo de sua condição atual de



desativado, ou da fragmentação documental que é uma realidade comum aos clubes negros da região dos Campos Gerais.

Sobre a situação desse território negro no tempo presente, no que se refere à patrimonialização e salvaguarda, a entidade não está em funcionamento e não foi patrimonializada sob nenhuma esfera. Embora tenha sido historicizada na exposição do IPHAN realizada no ano de 2019 na cidade de Curitiba, até então não se tem informações sobre políticas de preservação pensadas para sua sede ou para suas práticas socioculturais negro-centradas.

#### **Imagem 4 - Clube Recreativo dos Campos Gerais (Castro - 1921)**



Fonte: IPHAN (2014).

Assim como o Clube Treze de Maio de Ponta Grossa, o clube negro de Castro também possuía um vínculo com o samba. O primeiro contava com o bloco carnavalesco do clube, e o segundo com a Escola de Samba “Bafo de Onça”. O Clube Rio Branco de Guarapuava, ainda que desativado, segundo o IPHAN (2019), mantém atividades culturais como o Carnaval de rua e já teve vínculo com a Escola de Samba “Vou ali e volto já”. Tais conexões dialogam com o Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã, que será apresentado a seguir e teve o samba como destaque em suas atividades culturais.

Situado na cidade de Tibagi e fundado em 04/05/1934, o Clube Estrela, como é conhecido no município, teve sua inauguração apenas em 25 setembro do mesmo ano, sendo bastante estimado pelos seus frequentadores e considerado “[...] um lugar construído a partir da necessidade de um espaço próprio para diversão e lazer dos sujeitos negros da cidade, o Clube Estrela da Manhã fora por décadas o lugar de recreação e sociabilidade negra em Tibagi” (TOZETTO, 2018, p. 139).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Segundo o questionário do IPHAN (2014), a atual Presidente do Clube, Maria Olímpia Taques do Prado, registra que a primeira sede do clube, foi construída em um terreno cedido por Guataçara Borba Carneiro, Prefeito de Tibagi na época, e fundada por José Ribeiro Pinto, conhecido como Zé Biné.

Esse território negro tinha um objetivo semelhante as demais entidades negras paranaenses e levou um tempo até se estabelecer, uma vez que “O clube passou por alguns salões precários até fixar-se na sede atual e chegou a receber de modo bem-humorado o apelido de ‘Cai-cai’, pois a sede que o abrigava de modo provisório era de madeira e estava bastante degradada” (TOZETTO, 2018, p. 136). Enquanto que a primeira sede do clube é datada de 1934, o segundo prédio que o abrigava foi edificado em 1950, sendo de alvenaria. De acordo com Tozetto (2018) no ano 2000 o clube foi desativado, retomando suas atividades apenas em 2013 e após uma série de reformas.

A participação feminina neste território negro se deu de diferentes formas e em diálogo com os demais clubes já apresentados. O Grêmio das Violetas também foi uma realidade comum a essa instituição. As mulheres também tinham funções administrativas e cargos na diretoria, e desde sua fundação o Clube Estrela já foi presidido por mulheres mais de uma vez.

**Imagem 5 - Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã (Tibagi - 1934)**



Fonte: IPHAN (2014)

No tempo presente, de acordo com a jornalista Mariana Tozetto,

[...] o Clube Estrela da Manhã atualmente é uma instituição com fins recreativos. Fundada em uma época que a discriminação racial era quase que



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UEDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



regra na sociedade paranaense esta entidade no início fora rotulada como o ‘Clube dos Pretos’, em contraste a outra instituição, referência ao Clube Tibagiano, que é situado nas memórias dos entrevistados enquanto o ‘Clube dos Brancos’. (TOZETTO, 2018, p.136).

Além do perfil recreativo, tal entidade realiza com frequência eventos particulares, festas temáticas e cursos/aulas voltadas à comunidade em geral. Embora ainda não tenha sido patrimonializada, há uma preocupação significativa de seus atuais gestores em preservar tanto a sede da entidade quanto suas histórias. O clube está em pleno funcionamento, e além de fazer parte do mapeamento dos Clubes Negros do Paraná realizado em 2014, foi tema de estudos, produção um livro e documentário, produzidos pelo Núcleo de Relações Étnico-Raciais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em 2018, assim como o clube negro de Ponta Grossa, denominado Clubes em Memórias: Sociabilidades Negras nos Campos Gerais.

Direcionando as atenções para o norte do Paraná, região onde o último clube negro foi fundado no Estado, tem-se a Associação da Recreação Operária de Londrina. Tal instituição, de acordo com as fontes produzidas pelo IPHAN de 2014 e 2019, foi fundada em 15/11/1957, porém, não foi a primeira com recorte racial a ser construída na cidade. Sobre isso, o folder de divulgação da exposição dos clubes negros no Paraná traz a seguinte informação:

Contraopondo o Clube Redondo, outro considerado branco, nasceu o primeiro clube negro de Londrina, o Quadrado (1939). Em meados de 1940, Cypriano Manoel e outros companheiros criaram a Sociedade Beneficente Princesa Isabel, que funcionava como espaço de apoio aos negros da cidade, promovendo o lazer. A AROL (Associação da Recreação Operária de Londrina) foi criada em 15 de novembro de 1951 a partir da Sociedade Beneficente Princesa Isabel. (IPHAN, 2019, p.3).

Embora o IPHAN apresente o ano de 1957 como marco de fundação da entidade, tal excerto, elaborado pelo mesmo instituto, recorre ao ano de 1951, mas não há especificações acerca desta data, o que pode ter relação com erro de digitação ou se tratar apenas das diferenças entre as primeiras movimentações que idealizavam a criação do clube e sua fundação oficial.

Segundo o questionário de mapeamento do IPHAN, o senhor Oscar Nascimento (2014) explicou que a fundação do clube se deu após a reunião e instalação na Câmara, com Assembleia apresentando os sindicatos representados, foi quando surgiu a ideia da comissão



para sua elaboração e em seguida indicaram o terreno na Vila Nova. Para compreender a dinâmica das diferentes organizações negras que antecederam a criação da AROL, é importante entender que a Sociedade Princesa Isabel era mais dedicada ao negro e combate ao racismo, já a AROL tinha amplitude maior. Congregava todos os operários e além de combater o racismo era destinado a classe pobre. (NASCIMENTO *apud* IPHAN, 2014).

**Imagem 6 - Associação da Recreação Operária de Londrina (1957)**



Fonte: IPHAN (2014).

Esse clube recebia um público variado. Possuía biblioteca e ofereceu suporte para a criação de uma Escola. O vínculo com o Samba também foi uma realidade dessa instituição, o que deu origem a primeira Escola de Samba da cidade, a “Unidos de Vila Nova”. Nos anos 60 a sede é demolida durante a Ditadura Militar e, embora exista legalmente, está inativa. O clube fez parte do levantamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional acerca do mapeamento dos Clubes Negros no Paraná, mas devido à demolição da sede, as vias de preservação possíveis se consolidam em torno das memórias e poucas fontes a seu respeito.

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Entendendo que "A história do patrimônio é a história da construção do sentido de identidade e mais particularmente, dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais" (POULOT, 1997, p. 36), compreende-se que a atribuição de sentido direcionada a um bem é um fator de grande relevância para pensa-lo na ótica da patrimonialização. Nessa esteira, após apresentar e historicizar os territórios negros paranaenses, pode-se dizer que tais



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



bens são patrimônios culturais na medida em que há uma relação de identificação entre estes, seus frequentadores e/ou ex-frequentadores e a comunidade em que está inserido.

Os clubes apresentam histórico de fundação semelhante e diferentes políticas de salvaguarda. Entretanto, o levantamento do IPHAN realizado em 2014 foi uma ação importantíssima para estabelecer conexões entre esses espaços e ilustrar que as políticas de patrimonialização não são as únicas estratégias de preservação e salvaguarda, mas podem evitar demolições de sedes e se contrapor a destruições, esquecimento e possível apagamento desses lugares, uma vez que “[...] o reconhecimento dos bens patrimoniais pressupõe uma tomada de decisão que visa garantir a sua proteção, conservação e preservação por intermédio de instrumentos legais (decretos e leis), que viabilizem o registro ou o tombamento, dependendo da tipologia do bem” (PELEGRINI, 2018, p. 89).

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W. GASKELL, George. (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p.219-230.

CAMPOS, Emerson Cesar de. LOHN, Reinaldo Lindolfo. Tempo Presente: entre operações e tramas. **História da Historiografia**, Ouro preto, n. 24, p. 97-113, agosto de 2017.

CURITIBA. Fundação Cultural. **Linha Preta**: Um passeio pela História da população negra de Curitiba. Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/linha-preta-um-passeio-pela-historia-da-populacao-negra-de-curitiba/>. Acesso em: 04 abr 2021.

FABRIS, Pâmela Beltramin. **Quando Curitiba sobe o morro: associativismo e experiência política de afrodescendentes (1880- 1920)**. 8º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/8encontro/Textos8/pamelabeltraminfabris.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.

FERNANDES, Sandro Luis. **Clube Social Rio Branco**: Retratos dos Negros em Guarapuava. *In*: X Semana de História, III Jornada da integração: Graduação e Mestrado da Unicentro, II Sarau cultural afro-brasileiro, 2015, Irati. Anais de Evento. Irati: NEER, 2015. p.1-11.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021** PRESENTE  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUARAPUAVA, Prefeitura. **Guarapuava entra no circuito do patrimônio imaterial no IPHAN**. Disponível em: <https://www.guarapuava.pr.gov.br/noticias/guarapuava-entra-no-circuito-do-patrimonio-imaterial-no-iphan/>. Acesso em 03 abr 2021.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Mapeamento dos Clubes Sociais Negros no Brasil**. Roteiro de Entrevista. Questionário Clubes Sociais Negros, 2014. Paraná, 2014. 61 p.
- \_\_\_\_\_. Exposição Clubes Sociais Negros do Paraná. **Material de divulgação**. Documento físico. Paraná, 2019. 8p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993. p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em 17 mar 2021.
- PELEGRINI, Sandra. Memórias e identidades: A patrimonialização e os usos do passado. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 48, v. 25, p. 87-115, dez. 2018.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.
- POULOT, Dominique. **Musée, nation, patrimoine**, 1789-1815. Paris: Gallimard, 1997.
- SANTIAGO, Fernanda Lucas. **Sociedade 13 de Maio: Uma Estratégia de Sobrevivência no Pós-Abolição (1888-1896)**. Curitiba, 2015, 94p. Dissertação. UFPR Universidade Federal do Paraná. Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. ZUBARAN, Maria Angélica. INTERLOCUÇÕES SOBRE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS: Pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. **Currículo sem Fronteiras**, online, v.12, n.1, p. 130-140. Jan/Abr 2012.
- TOZETTO, Mariana Laís. Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã. In: JOVINO, Ione da Silva. SANTOS, Merylin Ricieli dos. **Clubes em Memórias: Sociabilidades Negras nos Campos Gerais**. Curitiba: CRV, 2018 p.129-166.
- WALDEMANN, Isolde Maria. Pesquisa e elaboração: histórico do Clube Literário e Recreativo Treze de Maio. In: COMPAC. **Processo de Tombamento 01/2001**. Ponta Grossa: Fundação de Cultura, 2001.